

Direito à cidade em terra de brincar: narrar começos, articular pedaços de chão

Ana Cabral Rodrigues¹
Jordana Neves de Almeida Guimarães²
Anna Clara Fernandes Silva³
Monica Helena Rado Donnini⁴
Flavia Siqueira Lemos Leandro⁵
Adriana Aparecida de Souza⁶
Eliana Gonçalves de Souza⁷
Milena Pedrosa⁸
Beatriz Regina M. Nunes⁹

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i29.69680>

¹ Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente dos cursos de Graduação em Psicologia, campus Volta Redonda, e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: acrodrigues@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0317-5346>.

² Discente do Curso de Graduação em Psicologia, campus Volta Redonda, da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: jordanadez@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4340-3703>.

³ Discente do Curso de Graduação em Psicologia, campus Volta Redonda, da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: annaclarafernandessilva25@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6326-004X>.

⁴ Discente do Curso de Graduação em Psicologia, campus Volta Redonda, da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: monicahrd@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7004-5222>.

⁵ Líder Comunitária da Ocupação Dom Waldyr Calheiros, estudante, equipe de pesquisa GPDU/UFF. E-mail: 998843386f@gmail.com.

⁶ Líder Comunitária da Ocupação Dom Waldyr Calheiros, equipe de pesquisa GPDU/UFF.

⁷ Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: souzaeliana@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7384-7425>.

⁸ Psicóloga; equipe de pesquisa GPDU/UFF. E-mail: milenapvf@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2059-9836>.

⁹ Psicóloga. Agente cultural. Especialista em Gestão de Projetos Culturais pelo Centro de Estudos Latino-Americanos de Comunicação e Cultura (CELACC/USP). E-mail: beatriz_nunes@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3202-067X>.

Recebido em 01/04/2025, aceito para publicação em 12/11/2025.

Resumo: O artigo parte de um encontro: aquele tecido no chão de universidade composto, majoritariamente, por mulheres pesquisadoras do Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas (UFF-VR), que carregam a problemática das políticas urbanas como políticas de subjetivação desde uma visada interseccional, e o chão da ocupação Dom Waldyr Calheiros, sustentado pelos saberes e coragens de mulheres-líderes-mães junto aos sonhos e à força brincante de crianças artistas e arteiras, fazedoras de cultura. Um encontro que nasce junto à cotidianidade e urgência da luta por moradia e dignidade de vida na cidade. A partir de uma política de escrita narrativa por vozes diversas – que ora se distinguem, ora se misturam, e orientada pela estética do fragmento na montagem benjaminiana como método, propomos fazer comparecer a densidade da produção de um mínimo comum como condição de possibilidade para uma psicologia que pensa COM os territórios. O que se recolhe da produção deste percurso de pesquisa e extensão é a presença de uma convocação ético-político-epistemológica de partilha da margem e descentramento de lugares de produção do conhecimento.

Palavras-chave: processos de subjetivação; cidade; narrativa; infâncias; método da montagem.

Right to the city in play territory: narrating beginnings, articulating pieces of ground

Abstract: This article begins with an encounter: one that arises between a university campus comprised mostly of women researchers from the Urban Disutilities Research Group (UFF-VR), who address the problematic of urban policies as policies of subjectivation from an intersectional perspective, and the ground of the Dom Waldyr Calheiros occupation, sustained by the knowledge and courage of women-leaders-mothers alongside the dreams and playful energy of artistic and crafty children, creators of culture. An encounter that arises from the daily reality and urgency of the struggle for housing and dignity in the city. Based on a policy of narrative writing by diverse voices that sometimes distinguish themselves, sometimes blend, and guided by the aesthetics of the fragment in Benjaminian montage as a method, we propose to highlight the density of the production of a common minimum as a condition of possibility for a psychology that thinks WITH territories. What can be gathered from the production of this research and extension path is the presence of an ethical-political-epistemological call for sharing the margin and decentering places of knowledge production.

Keywords: subjectivation processes; city; narrative; childhoods; montage.

Derecho a la ciudad en territorio de juego: narrando inicios, articulando terrenos

Resumen: Este artículo comienza con un encuentro entre un campus universitario compuesto mayoritariamente por investigadoras del Grupo de Investigación en Desutilidades Urbanas (UFF-VR), quienes abordan la problemática de las políticas urbanas como políticas de subjetivación desde una perspectiva interseccional, y el contexto de la ocupación Dom Waldyr Calheiros, sustentada por el conocimiento y la valentía de mujeres-líderes-madres, junto con los sueños y la energía lúdica de niños artistas y creativos, creadores de cultura. Un encuentro que surge de la realidad cotidiana y la urgencia de la lucha por la vivienda y la dignidad en la ciudad. A partir de una política de escritura narrativa con voces diversas que a veces se distinguen, a veces se fusionan, y guiadas por la estética del fragmento en el montaje benjaminiano como método, proponemos destacar la densidad de la producción de un mínimo común como condición de posibilidad para una psicología que piensa CON territorios. Lo que se desprende de la producción de este camino de investigación y extensión es la presencia de un llamado ético-político-epistemológico a compartir los márgenes y descentrar los lugares de producción de conocimiento.

Palabras clave: procesos de subjetivación; ciudad; narrativa; infancias; montaje.

Direito à cidade em terra de brincar: narrar começos, articular pedaços de chão¹⁰

Para que uma outra ciência seja possível (...) não bastam iniciativas interdisciplinares que ocorrem isoladamente e com o respeito mútuo das fronteiras disciplinares. Trata-se de aceitar o experimento do encontro, em torno de uma situação que lhes concerne, com outros protagonistas, cujos saberes diferem e não respondem aos critérios das ciências (...) O experimento para os pesquisadores consiste em aceitar não estar no centro do encontro, aceitar serem situados por esses outros, aprender com eles aquilo que negligenciam e eliminam, sem usar como proteção categorias como objetividade ou racionalidade

Isabelle Stengers, Uma outra ciência é possível

A curiosidade que nos movia levou-nos aos contornos de uma palavra: ocupação. Por ela tateamos, balbuciamos sonoridades e experimentamos consistências de usos, sentidos e domínios do que nos era corpo e pluralidade. Iniciávamos o

que se denominou, em trechos de títulos posteriores de projetos submetidos às instâncias universitárias e órgão de fomento, como: “construções metodológicas e experimentações estéticas”¹¹. Era um movimento de cultivo de uma atitude atencional como abertura acolhedora a encontros com o que nos força a pensar e desencadeia em nós processos de criação (Kastrup, 2010) a partir dos enroscos entre o banal e o extraordinário da arte e da vida, da ciência e das artesanias. Nisso encontramos as bordas de um campus e, com ele, a pergunta do que significava ocupar um lugar na universidade pública, e quem (não) o tem ocupado. Das grades que cercam um gramado muitas vezes esvaziado e uma calçada de caminhos apressados, resolvemos puxar fios. A lã vermelha ia convocando olhares e criando

¹⁰ Os “pedaços de chão” que aqui se articulam consiste em uma imagem que pegamos emprestado do trabalho publicado de dissertação de Bel Mayer (2022), a quem admiramos e que nos mostrou, por suas partilhas, saberes e afetos, muitos começos.

¹¹ Do projeto de extensão: “Oficinas de Montagens: construções metodológicas e experimentações estéticas em direito à cidade” (2018 - atual), inscrito como parte do Programa de Extensão “Observatório dos Direitos Humanos do Sul Fluminense” - PROEX/UFF.

movimentos reticulados por entre um dentro e um fora, encontrando porosidades, criando texturas, presenças, bordados. Fios apenas, talvez; mas também gestos, caminhos, desenhos, sem palavras ainda, dos limites e amplitudes de uma educação, de uma formação que se queria “embolada com a vida, com os cotidianos, suas invenções e intermináveis formas de fazer” (Rufino, 2023, p.7). Assim, os riscos vermelhos na paisagem iam escapando do aramado e, esticados, buscavam o chão da calçada, produzindo alguns engasgos a pressas individuais. Ou que se amarravam às árvores, circulavam arbustos, inventaram formas sobre os bancos de concreto, convidando a um tempo e lugar de criançamento (Barros, 2010) dos corpos e de compromisso aguerrido com os encontros e afetos capazes de acolher conflitualidades e abrir caminho para outras margens.

Os primeiros encontros aconteceram quando ainda se capinava o mato alto por entre estruturas arruinadas, sujas; bichos mortos. As ruínas de um projeto

abandonado na cidade, que prometia progresso e oportunidades de investimento, eram o chão onde cabiam as tábuas que seriam as camas das primeiras noites – ali onde muitas dormiriam juntas por muitas noites, naquele começo de tanta coisa. Se alguns temiam que talvez aquele ainda não fosse o momento, que ainda seria preciso melhor se organizarem, elas, no entanto, sabiam que era aquela a hora precisa de ocupar. As famílias carregavam consigo suas histórias, seus saberes, ferramentas, crianças no colo, na barriga; esperanças. As mulheres davam o caminho, tomavam a palavra, articulavam a luta, o café e o dia a dia da cria. As crias se achegavam, mostravam que o chão era terra de brincar, que os restos de tijolo contavam histórias, que até lençol podia criar lar e acolhida, que quando a força da ordem pública chega, deixa a casa bagunçada, mas que a voz e o corpo servem para cantar cantiga de roda e para fazer com que sejam ouvidas. E que elas sabiam muito bem o que faziam ali, naquela ocupação, naquele pedaço de chão¹².

¹² Trecho reproduzido parcialmente do posfácio do livro “Onde o Sonho Pode Morar: receitas de

cidades e infâncias em ocupação” (Cabral, et al. 2024).

Realizar um sonho. Era isso que chegar e ficar aqui significou. Adriana¹³ é uma dessas mulheres que sonhou e, após 18 anos sem casa, encontrou um lar neste lugar onde colocamos nossa primeira bandeira: “Minha casa, nossa luta”. Porque foi assim que a ocupação se fez, com nomes de mulheres: Flávia, Franciele, Liliana... Se fez quando não aceitamos ficar andando pela rua com as crianças, em albergues, em casas que não mais podíamos morar. Algumas de nós tinham somente 20 anos e tudo pela frente. Mas nos reunimos, nos articulamos, tomamos coragem e resolvemos entrar. Muitas coisas ainda não sabíamos... Nós não sabíamos que o terreno era tão grande. Como também não sabíamos o tamanho do que estava por acontecer quando, diante da possibilidade de termos uma casa para a gente, algo nos foi perguntado: vocês querem apenas ocupar ou querem algo maior?

¹³ Todos os nomes presentes neste artigo não são fictícios. Trazer os nomes dessas mulheres e meninas, desde seus lugares no mundo e saberes, aqui, é uma das estratégias possíveis de evidenciar suas autorias.

¹⁴ Bairro onde se localiza a ocupação Dom Waldyr Calheiros, em Volta Redonda.

Marielle Franco é o nome da rua. Mas a mulher aguardada por aquelas que davam colo aos miúdos não chegou a caminhar pela ladeira que sobe da Beira-Rio até o chão de terra batida do Belmonte¹⁴; antes, veio o vazio. A roda no salão nunca testemunhou sua presença ou escutou sua voz; antes, veio o silêncio. A corda de pular, a bolha de sabão, a pipa no céu não se enroscaram com sua gargalhada solta no ar; o desencanto veio antes.

Mas se essa rua fosse minha... se essa rua fosse nossa... ela teria o nome dessa mulher para que ela, enfim, pudesse chegar. E, de fato, a rua ganhou CEP¹⁵, fez festa, semente e história de outras meninas miúdas e mulheres gigantes que continuam caminhando pela ladeira que sobe da Beira-Rio até o chão de terra batida; porque antes, veio o começo.

¹⁵ No dia 11 de junho de 2021, a Câmara Municipal de Volta Redonda, pela lei 5805, passa a denominar a rua projetada com acesso pela Avenida Bahia na ocupação Dom Waldyr Calheiros de rua “Marielle Franco”.

Myllena é o nome da primeira de todas. Ela chegou à ocupação e ao mundo ao mesmo tempo. Ela foi a primeira que nasceu aqui. Por isso é uma verdadeira “sem-teto”, o que é motivo de orgulho. Isso nos foi ensinado pelas mais velhas. Com ela, a ocupação ganha o tamanho do mundo. E ela é desse tamanho, já veio com essa força. É filha dessa luta. E vai seguir crescendo com isso.

Maria Vitória é o nome da autora. Foi ela quem trouxe para a escola o livro que vocês fizeram com as crianças da ocupação Dom Waldyr Calheiros¹⁶. Nós, daqui da E.M. João Paulo I, soubemos do livro assim: a atividade proposta era recriarmos contos clássicos, e as crianças eram convidadas a inventarem para eles novos acontecimentos, personagens e até mesmo outros fins para essas histórias que sempre se contam para

elas. Isso produziu em sala um certo alvoroço; as crianças perceberam que poderiam ser as autoras desses escritos. Foi bem interessante, e foi esse o combinado. Mas na aula seguinte, um inesperado. Aquela menina, que já era autora de um livro todo ilustrado, sobre direito à cidade, com histórias e receitas das infâncias em ocupação, lançado na Feira Literária Internacional de Paraty e na Biblioteca Pública da cidade¹⁷, chegou carregando-o cuidadosamente, junto a um orgulho cheio de felicidade e de outros fins de sua história que mal cabiam em suas pequenas mãos.

Há coisas que não têm nome. Algumas delas são possíveis de se encontrar nos bolsos ou no dobrado da blusa que vira bolsinha sobre a barriga... Umas quinquilharias desúteis mesmo (Barros, 2010; Cabral, 2013), pequenos tesouros, por vezes

¹⁶ Trazemos aqui parte do diálogo que nossa equipe teve com a escola de algumas das crianças autoras do livro “Onde o sonho pode morar: receitas de cidades e infâncias em ocupação” (Cabral, et al. 2024).

¹⁷ O livro Onde o Sonho Pode Morar teve seu pré-lançamento na Feira Internacional de

Paraty e, em novembro, na Biblioteca Municipal Raul de Leoni, em Volta Redonda, com a presença das crianças e adolescentes autores, familiares, amigos, autoridades e o GPDU-UFF. Nesta ocasião, além de uma roda de conversa sobre o processo de criação do livro, leitura pública de trechos do livro, todas as pessoas autoras tiveram um momento de autógrafo.

chamados de trequinhos ou lixinhos quaisquer encontrados por aí. Mas é preciso reconhecer que, apesar de não terem serventia alguma, funcionam muito bem para tempo à toa, desenho no chão, presentes inesperados, traçados de mapas inventados, banquetes de panelinha...

Há, igualmente, coisas que carregam nomes bonitos. Essas, muitas vezes, estão também sendo carregadas em sacolas, bolsas, panos amarrados, cuias, cumbucas, patuás que se levam para cá e para lá no sobe e desce do ônibus, no vai e vem da ladeira, no passo a passo da casa à rua, de uma casa a outra, nas idas e vindas dos dias. *Bolinho-de-chuva* é uma dessas que tem nome bonito. Poucas palavras aguam tanto a língua antes mesmo de chegar à boca... além de conseguir deixar rastros adocicados na ponta dos dedos e nas lembranças das gentilezas das avós, tias e vizinhas em dias nublados. *Neném* é outra. É uma palavra que se fala na pontinha da língua com dois saltitos, deixando um sonzinho gostoso no fim para vir se apoiar sobre o osso da bacia, onde uma

parte se ajeita para um lado e outra para o outro, agarradinhas. Seu rastro tem uma capacidade realmente bagunçante, de fazer as coisas virarem de ponta-cabeça. E que mesmo quando por ela o tempo passa, segue cambalhotando roteiros e rotinas e se acocorando para ganhar intimidade com o chão, desde onde inventa de fazer perguntas sobre outras palavras, como “estrela”, “imaginação”, “sonho” e “pesquisa”. Já *mandioca* é palavra que precisa ser descascada. E que, quando carregada aos montes, em abundância e generosidade da terra e das mãos que as cultivaram na última safra ou há mais de quatro mil anos, acorda a “casa de Mani” e as lágrimas que a aguaram¹⁸, acorda todas as casas vazias e as forças que as ocuparam. Acorda as raízes e o desejo de coletar as histórias nunca antes contadas de gestos e cuidados ancestrais (Le Guin, 2021). Ou que precisam ser mais uma vez proseadas em rodas no fim do dia na calçada. De fofocas e facas empunhadas para preparar a noite e o caldo; “roçar o terreno da memória” (Rufino, 2023, p.42) para ganhar

¹⁸ Referência à lenda dos povos tupi que contam a origem dessa raiz “Maniocá”.

intimidade com o tempo (Martins, 2002) que estala em saudades e esperanças nas fogueiras de festeiros juninos, capazes de fazer arder a cidade.

Do centro, as gigantescas chaminés vomitam o que vai se tornando toda a espessura do ar que se respira, todas as capilaridades dos pulmões, as vísceras. Mas também provocam a tosse. As chaminés – essas prodigiosas construções do humano sobre o mundo, recursos e seres não-humanos à espera de serem conquistados e explorados (Tsing, 2023) – criam a pregnância do que se tornou a paisagem que se impõe ao espírito e aos olhos. Para onde sempre se olha. Paisagem em uma imutabilidade asfixiante, pelo silêncio de uma maquinaria esquecida (Certeau, 1994), esquecível, para ser esquecida, onde correm acúmulos, obsolescências, investimentos, curtos prazos, escalabilidades, produtividades, todas elas caras e

benfazejas aos "comedores de terra"¹⁹, e impagáveis aos que da terra são expulsos, sempre ditos como não pertencentes e não produtivos. Eis o ensurdecedor silêncio da catástrofe (Benjamin, 1987), que diz, a cada baforada de fogo no céu, que nada mudou, nem há de mudar; que as coisas continuem assim, é o que se pode esperar. É o que há nesta paisagem monocultora (Tsing, 2023; Bispo, 2023) onde “a alteridade, a diferença, é sempre um problema a ser resolvido” (Segato, 2022, p. 87).

Acontece que, desde a margem, o problema a ser resolvido é de outra ordem: é ele a própria insustentabilidade da lógica centro/margem; categoria de análise amplamente lançada no ar pelos gabinetes e laboratórios, aquela que só serve às centralidades (Caron e Cabral, 2024). E que abastece o cinismo do projeto civilizatório instrumentalizado e alicerçado no urbanismo e na urbanização, como “forma específica de relação tecnologia-sociedade-natureza que é base material, meio e

¹⁹ “urihi wapopé”, termo traduzido por Albert e Kopenawa (2015) como “comedores de terra, comedores de floresta”.

mediação das relações sociais capitalistas, cis-heteropatriarcais, coloniais, [capacitistas] e raciais" (Helene et al., 2022, p. 68). Um cinismo capaz de arrefecer até mesmo dados e estudos (Rolnik, 2015) que evidenciam que a cidade, apesar de ser um modo de vida amplamente disseminado no globo, ela, como direito e experiência de dignidade humana, não está nem perto de estar garantida; tal é a fantasia que "nina a casa grande" (Evaristo, 2017), a de que é somente para alguns poucos que a urbanização e a cidade não estão disponíveis. Bastando, pois, apenas, ou que esses poucos anômalos se "endireitem", ou que as engrenagens da maquinaria do desenvolvimento se façam um pouco mais azeitadas e aceleradas para eliminar, enfim, tal rangido e resolver sua (ainda) incompleta consecução. Efetivamente, o problema em jogo seria da ordem da vergonha – se ainda o que sustentasse o laço fosse a possibilidade dela – mas é mesmo o cinismo, o absurdo, a verdadeira

barbárie, o limite do insustentável, pois toca direta e amplamente a própria habitabilidade da Terra, da possibilidade de continuarmos a dividir o planeta. E neste limite é a margem – não como topos, localidade, mas como *ethos*, como posicionalidade – que se dá a ver na paisagem viva, movente, friccional do encontro, do amontoamento e agenciamento de tudo que é feito resto e é contragolpe (Simas e Rufino, 2018), de tudo aquilo que foi e é sistematicamente suprimido e apagado. Mas, como presença - aquilombada, articulada, aldeada, infancializada (Nogueira e Alves, 2020), assentada, nomadizada, etc - oferece as chances do que ainda, a partir dali, e nas ruínas do Antropoceno (Tsing, 2023), é possível. A visada aqui é o avesso, e é avessa à centralidade, à urbanidade que significa, classifica, escrutina e expele tudo aquilo que ela mesma decretou como *outro*, subnormal²⁰, marginal... É, pois, a ocupação que há de falar da cidade, que há de falar à cidade e indagá-la.

²⁰ As ocupações urbanas são comumente denominadas pelo Estado, pela mídia e pelo mercado como invasão, e, até o ano de 2024, eram nomeadas pelo IBGE como "aglomerado subnormal" para referir-se à diversidade dos assentamentos irregulares existentes no país.

Sobre a eliminação tão recente desta denominação, ver:
<https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/ibge-muda-denominacao-dos-aglomerados-subnormais-para-favelas-e-comunidades-urbanas/>. Acesso em: 24 mar.2025.

Não porque as margens guardem as respostas. Mas, porque nos escombros têm gestado o improvável e sustentado a desconfiança de que nada acontece ou de que estamos simplesmente diante do fim²¹.

Desde as margens, sabe-se bem que nas centralidades que vomitam leis, salvações, soluções, objetificam-se vidas, produzem-se anomalias e se organizam expurgos (Segato, 2022). A ordem é: manter a margem à margem, a bagunça longe das sensibilidades mais finas e impedir invasões, infiltrações, pelas sempre reeditadas estratégias de desacreditar falas, clamores, pautas, demandas. Esvaziar os sentidos de mutirões e conselhos sem que esses precisem ser extintos; instaurar ausências e esquecimentos. Deixar as palavras se perderem ao vento ou surrupiá-las,

degluti-las, usá-las, fazê-las nada dizerem, torná-las “cartas extraviadas, perdidas” (Brum, 2016). E, por fim, administrar minúsculas gotas de esperança na próxima obra, na próxima visita, na próxima audiência, na próxima lei, no próximo mandato, na próxima oportunidade... Para acalmar os ânimos e arrefecer a força, a tosse, até que, pelas incontáveis frustrações, o último fôlego se encerre em exaustão.

Nós vamos juntar jornais, revistas, papel e também algumas dessas quinquiarias que encontramos e carregamos nos bolsos. Recortamos algumas peças. São curvas, quadrados, papéis amassadinhos, fiapos, retângulos, triângulos, círculos. Não se preocupem, eles encontrarão

²¹ “Fim” como o que é prenunciado pelos discursos conservadores no que toca questões como a crise climática global que, se não é recusada pelo negacionismo, é apresentada com fatalismo, posição amplamente eficaz em criar invisibilidades às forças de resistência multiespécies (caras ao pensamento de Anna Tsing) e esvaziar práticas revolucionárias, de esperança e que evidenciam a urgência de interrupção de certas lógicas e funcionamentos vigentes. Assim também “fim” como aquele presente na tese de Francis Fukuyama na qual o liberalismo, ideia-força dominante e vencedora no cenário pós Segunda-Guerra, é

visto como o destino cumprido da evolução natural da humanidade, e que, em tendo sido cumprido frente à então derrota do fascismo, os possíveis caminhos da história já estariam todos contados e à disposição. Além desta tese não poder ser pensada como uma realidade global, os valores do liberalismo aclamado por Fukuyama, como liberdade e igualdade, estão longe de terem se realizado frente ao cenário de amplo massacre dos direitos sociais por parte do capital financeiro, o que exige repensar e fortalecer combates para se criar caminhos de dignidade humana ainda por se fazer.

um espaço. Podemos experimentar juntar alguns deles...

Vamos montando e desmontando.

Às vezes, aproximando assim, aparece uma casa. Algumas coloridas têm portinhas que abrem e telhados da cor do céu. Será que dá pra ver quando chove?

Vamos desmontando e montando.

Veja só: um prédio pequeninho, cheio de janelas miúdas. Quem será que vive aí? Joaninhas?! Tá ficando interessante... Com um fio de barbante, vai aparecendo um caminho, uma rota, uma rua... Quem é que vai chegando por ela?

Vamos montando e desmontando.

E trocando também. Pode dar para o outro uma partezinha que você inventou: um presente. Agora, tem algumas coisas que não podem faltar: pula-pula pra flutuar, balão pra voar, piscina pra mergulhar. Poderia ter ainda uma jangadinha, assim a gente poderia seguir pelo rio até colocar os pés na praia ou numa ilha no meio do oceano. O que você levaria pra lá? Ou o que você traria de lá pra cá?

Tragam também as plantas que recolhemos, assim teremos jardins, florestas e gramas boas pra rolar, fazer estrelinha e tirar soneca. A canetinha faz outros detalhes: a rede, o muro, a lua (que surge brilhante e redonda, devagarzinho, por detrás dele). Muros servem muito bem pra isso: fazer a surpresa da lua. Tem até umas nuvens no céu colorido e iluminado: rosa, azul, lilás. Algodão-doce, com certeza! Bem lembrado, comidas gostosas. Este círculo é um prato, e aquele também: arroz, peixe, tomate, macarrão... Se dividir, dá sempre pra todo o mundo.

E o que é isso? Uma passagem secreta?! Então se eu chego aqui, logo posso encontrar alguém ali? Uau! Um cinema pertinho, um parquinho ao lado, a escola toda bonita... E então a cidade fica parecendo até uma rede... Acolhe bem a gente...

Vamos desmontando e montando.

Aquelas que um dia foram chamadas de bruxas se sentavam em roda.

Elas, ainda hoje, continuam em roda.

E continuam sendo chamadas de bruxas, baderneiras, baraqueiras, arruaceiras, loucas, desequilibradas, vagabundas, insuficientes, histéricas, incontroláveis, invasoras...

E, mesmo assim,
continuam.

Porque insistem na roda.

E nela
circulam os fios, a vida e as
crias,
pelas rodas.

Em favor delas.

Por elas.

Pois isso,
é preciso contar.

A mulher inventou a roda.

Tecnologia primeva do que os homens chamaram de Humano.
E girou de ponta-cabeça o conto da Origem,
pra ver nascerem narrativas dos começos
inumeráveis,
embaraçados de histórias.

Outras.

Sempre as Outras
da História.

Ávidas por se recontarem

Em volta do fogo
dominado
e alimentado pelas palavras
cruas e cozidas,
que alimentaram a todas,
que amamentaram a todos,
que pariram o mundo
de cócoras:
posição e substantivo feminino
plural²².

A teoria pode ser um lugar de cura e prática de liberdade. É o que afirma bell hooks (2017) ao tomar as recordações de uma infância difícil e recolher dela tanto a força que foi poder nomear, muitos anos depois, a violência do racismo e do patriarcado que atravessava a história de seus pais e chegava a ela em forma de agressão e humilhação, quanto a incisividade (rechaçada) de suas perguntas infantis desconfiadas da naturalidade com que os adultos tomavam a ordem (necessária) das coisas. Esse escrito de bell reconhece na infância um modo

²² Este fragmento é a íntegra do poema “Roda”, de autoria de Ana Cabral (não publicado), criado em homenagem às mulheres da

Ocupação Dom Waldyr e às redes de mulheres que apoiam e participam deste projeto de pesquisa e extensão.

de habitar a linguagem, uma maestria em sua capacidade de teorizar e indagar o mundo. Mas a autora enfatiza: a teoria *pode* ser isso; sobretudo quando se pede isso dela, assumindo, com ela, outras relações, especialmente aquelas que não opõem teoria e prática. Sobretudo quando não se usa a teoria de maneira instrumental para perpetuar a hierarquização de um pensamento sobre outro e determinar a indignidade ou desinteresse absoluto de determinados modos de dizer/escrever/investigar. A partir daí, é possível se contrapor à função (igualmente não intrínseca) da teoria de produzir e manter distâncias. Aí se abrem as veredas por onde bell hooks pode sustentar a teoria como prática de criação de alianças e de desindividualização de histórias que careciam de nome e conceito para reinaugurar a alma das palavras no corpo.

Veredas também de *idas* e *vi(n)das*²³ de outra “Bel” que encruzilhou nossos percursos e melhor instrumentalizou um pensamento que nasce, então, COM o território (Moraes

e Quadros, 2020; Cabral e Caron, 2024) e se torna ideia compartilhada: a criação de um livro junto às crianças, pensado junto às infâncias que coabitam o território “ocupação urbana”. Aquele que abrigava um salão coletivo em obras no qual ainda não era possível imaginar uma estante cheia de livros, almofadas e tapetes para as histórias ali se aconchegarem e produzirem mobilidade e deslocamentos... E se ainda não era possível povoá-lo com os livros dos autores que vínhamos trazendo em nossas “oficinagens” (Cabral e Lobo, 2024), talvez fosse possível fazermos outros deslocamentos através dos caminhos de inventar imagens, personagens, textos... E a nós todos como co-autores.

Bel Mayer (2022), que traz a radicalidade de um compromisso com o protagonismo das infâncias e juventudes periféricas a partir da abertura de mundo “pelo encontro com a palavra” (Mayer, 2024, p.8), insuflou ânimo nas histórias que sustentávamos em malabarismos e invenções em um momento no qual subir a ladeira da

²³ Em referência ao título do livro de Bel Mayer (2023).

Beira-rio até o chão de terra batida salpicado de criança era inviável. Era um momento no qual falar de direito à cidade – mediante a realidade de um isolamento sanitário impossível para as infâncias em ocupação – exigia estreitar laços de confiança. E, mais do que nunca, reconhecer nos gestos, nas histórias contadas, nas brincadeiras compartilhadas, via mensagens por “caixas de histórias” virtuais²⁴, modos como essas infâncias dizem-cidade, dizem-direito à cidade e indagam o mundo através de sua desconfiança e *curiocidade*²⁵. Assim como exigia revisitar o lugar de “simples pontes com as crianças” que as mulheres-mães tinham e trazê-las para o centro do trabalho, em movimentos de produção

de cuidado, escuta, acolhimento²⁶ e apostas conjuntas.

O tempo do reencontro é também o tempo de recolher o que restou – das histórias de sereias, tempestades e mapas; das tempestades da vida, maternidades e lutas; dos mapas de pesquisa, teorias e alianças. O que restou de nós. De quem éramos nós. O que restou dos lugares que nos demos, que nos foi dado, que pudemos sustentar em análises de implicação (Rocha e Aguiar, 2003) de uma pesquisa-extensão que a todo tempo exige recomeçar e pensar que criar presenças é sempre intervir. E, então, fazer disso, mais uma vez e a cada vez, matéria-prima de um trabalho, do chão de nossos encontros. Assim como eram os fragmentos –

²⁴ Durante a pandemia, criamos um dispositivo chamado “caixa de histórias” que enviávamos às crianças da ocupação através de mensagens de whatsapp para os contatos de seus responsáveis. Nelas contávamos histórias que se desdobravam em brincadeiras, alguns jogos e desafios a serem compartilhados por fotos, escritos e áudios. Nossa proposta era manter vínculos, criar presenças e endereçamentos possíveis.

²⁵ Esta é uma palavra-conceito inventada por Mariana Cunha Schneider durante o Curso “Construções metodológicas e experimentações estéticas nas políticas de escrita acadêmica” (Propur/UFRGS). Refere-se à “supercapacidade das infâncias em se fazerem curiosas das paisagens e miudezas

das cidades. *Curiocidade* é palavra relativa a quem se põe a imaginar, fabular, inventar e transformar as ruas, as casas, a vizinhança, os lugares aos quais pertencemos e onde moramos, queremos morar e de que vamos nos lembrar pra toda vida. E assim vai se criando um porvir mais bonito, gentil e acolhedor a todas as gentes” (Cabral, et al. 2024, p.66).

²⁶ Durante a pandemia uma das ações foi a proposição de breves encontros virtuais de conversa sobre o que era ser mãe na pandemia a partir de suas realidades, e da oferta de apoio e escuta via telefone por profissionais da psicologia membros do Grupo de Pesquisa em Desutilidades Urbanas (GPDU) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

aquilo que não remonta totalidades ou *mesmidades* – que foram sendo construídos e recolhidos em nossos diários de campo e a cada vez que abríamos uma nova caixa: agora de papelão, em forma de um livro gigante, recheada de pequenos tesouros (como às vezes são os textos que nos encanta escrever). Esses mesmos fragmentos que foram se tornando os ingredientes de cada uma das receitas de “como se constrói uma rua”, uma casa, uma vizinhança, uma ocupação, uma cidade, um livro²⁷. E criaram o chão – feito desses cacos, pedrinhas, bolhas de sabão, passagens secretas – onde uma menina e uma capivara, experimentadas por rabiscos e jogos de teatro, puderam pisar através das páginas que fabulamos juntos; através de nossas histórias e corpos que *infancializamos* juntos (Nogueira e Alves, 2020).

O tempo da escrita não é o tempo do relato ou do simples registro do acontecido. O tempo da escrita é o tempo da (des)montagem, como (des)invenção de um campo, do pensamento, do corpo, da própria

pesquisa. A escrita é também um tempo do desacelerar, de fazer falar as fricções, as hesitações, os engasgos; isso que nos lembra que não estamos sozinhos, e nos torna novamente “capazes de aprender, de encontrar e de reconhecer o que nos une e nos mantém unidos, de pensar, imaginar e, no mesmo processo, criar, junto a outros, vínculos que não sejam de captura” (Stengers, 223, p. 116). Porque a escrita não é isso, mas pode ser. Sobretudo quando se pede isso dela, assumindo, com ela, outras relações, especialmente aquelas que não opõem teoria e prática, infância e maestria. Aí se abrem as veredas por onde sustentamos práticas de criação de alianças e de desindividualização de histórias que apontam para nós a importância do nome e conceito capazes de reinaugurar a alma das palavras no corpo.

Da escuta de uma dor sentida
junto à pele em um corpo ainda miúdo,
mas que já ecoa tantas “vozes mudas

²⁷ Nome de cada capítulo do livro “Onde o sonho pode morar”.

caladas, engasgadas nas gargantas" (Evaristo, 2021, p. 24), surge uma rainha na roda que é teatro e brincadeira de se inventar junto. Com seu leque, venta e guia os pequenos olhares curiosos, que vão pouco a pouco se tornando cúmplices da história que ali se conta, em movimentos delicados de começarem a se sentir e se perceber como seus outros personagens.

A grande rainha de pele ébano vive num lugar nem tão longe, nem tão perto, onde crianças gostam de sair para brincar, fazer desenho no chão e em seus corpos, cambalhota e *aú*²⁸, e subir nas árvores para colher as frutas mais docinhas. Tal como Nzinga²⁹, ela governa com generosidade e sabedoria, e combate reinos invasores que gostam muito de ouro e pouco de árvores e frutas docinhas, movidos por seus desejos de serem os donos de tudo que encontram: cultivos, ciências, artes, e tecnologias. Contando dos muitos combates e resistências, a

rainha que temia pela perda da esperança de seu povo, envia aos reinos irmãos seu melhor mensageiro – aquele que carregava a arte da escuta. E recebe, entre tantas mensagens, um presente de uma velha amiga, vindo lá da outra ponta da roda que vai passando de mão em mão até chegar às suas: um novelo de lã vermelha. Como aquelas com que sua mãe costumava tecer e contar histórias. Tomada de lembranças e de um vento em leque, a rainha que reina no reino e na roda que é teatro e brincadeira de se inventar e se curar junto, segura o novelo nas mãos. E desfia, para olhares hipnotizados, a antiga história de Ananse³⁰ – uma divindade da cultura Ashanti que toma forma de aranha e, em sua astúcia, desafia o deus Nyame num tempo imemorial em que ele era o único ser que detinha todas as histórias do mundo. Ananse, então, fia uma longa teia até os domínios desse deus. E lá do alto insiste que lhe ceda a cabaça das histórias para que possa

²⁸ Movimento de esquiva de golpes rasteiros; é amplamente brincado pelas crianças na capoeira.

²⁹ Mwene Nzinga Mbandi (1582-1663) rainha do Reino do Dongo (atual Angola), conhecida por sua grande capacidade estratégica e política na

busca de acordos de paz ante o colonialismo português.

³⁰ Tomamos aqui como referência a narração oral da contadora de Histórias Zélia Amador de Deus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Za3Wx7VZA6k>. Acesso em: 21 fev. 2025.

levá-las aos humanos. Nyame aceita, mas com a condição de que Ananse cumprisse, uma-a-uma, suas dificílimas tarefas. Em uma jornada desafiadora, Ananse cumpre todas e recebe o retorno prometido. No entanto, ao descer pelo fio de sua teia, em sua euforia, vira a cabaça inadvertidamente e as histórias todas se espalham pelo mundo. Assim como estava espalhado o encantamento em forma de miçangas e fitinhas caídas de um cesto de palha no meio daquela roda, no meio daquele salão, no centro da ocupação.

A grande rainha que conta a antiga lenda, puxa um fio para fora dela, e vai criando um movimento reticulado por um dentro e fora, criando texturas, presenças, bordados; encontrando porosidades, entre os contos dos povos de vozes que fizeram se ouvir (que seguiram e seguem até o dia de hoje em resistência) e as crianças-personagens-mensageiras-pesquisadoras-artistas-rainhas-reis-amigas ali em roda recolhendo, em cada uma daquelas palavras, daquelas vozes, o “eco de vida-liberdade” (Evaristo, 2021, p.25). Pois sabem bem que nesse tempo não foram só as batalhas que fizeram o povo existir. São as histórias que caminham com elas e

eles que os fazem ainda mais vivos, fortes, orgulhosos da boniteza de suas raízes e peles e, sobretudo, os fazem capazes de continuar brincando.

A rainha-pesquisadora-rainha de pele ébano enovela mais uma vez o fio da lã vermelha. Como se aquele encanto fosse pouco a pouco se dissipando, ou, quem sabe, realmente se infiltrando ali, naquele espaço, naquele salão, onde tantas coisas criaram seus começos: lares, festas, oficinas, livros... laços de confiança, partilhas.

São fios apenas, talvez; mas também gestos, caminhos, desenhos, cheios de palavras que vão contando das delicadezas e forças de um espaço que começa a ser sonhado junto, para ser casa de histórias, de causos, de lendas e parlendas para brincar a língua, o corpo, o sonho em palavras bonitas de carregar, como em patuás. Assim é Ananse: uma biblioteca comunitária que se inventa e se quer “embolada com a vida, com os cotidianos, suas invenções e intermináveis formas de fazer” (Rufino, 2023, p.7) cidade, ocupação, cultura, escrita, pesquisa, arte, ciência, luta e universidade.

Referências

BAVCAR, Evgen. *Le voyeur absolu*.

Paris: Seuil, 1992.

BELARMINO, Joana. O que percebemos quando não vemos. *Fractal: Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, v. 21, n. 1, p. 179-184, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4736>. Acesso em: 09 jan. 2025.

DINIZ, Débora. *O que é deficiência*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Integrating disability, transforming feminist theory. *NWSA Journal*, v. 14, n. 3, p. 1-32, 2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4316922>. Acesso em: 10 mar. 2025.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Feminist Disability Studies. *Signs*, v. 30, n. 2, p. 1557-1587, 2005. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/423352?journalCode=sigs>. Acesso em: 20 fev. 2025.

GAVÉRIO, Marco Antônio. Aberrações tropicais: representações da monstruosidade no teatro Latino-American. *Áskesis*, v. 9, n. 2, p. 188-192, 2020. Disponível em:

<https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/548>.

Acesso em: 15 jan. 2025.

GUERREIRO, Raquel. *Cartografia, deficiência visual e arte: acompanhando o processo da acessibilidade no Centro Cultural do Banco do Brasil do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GUERREIRO, Raquel. *Fazer um corpo todo de escuta: uma travessia existencial*. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 09 jan. 2025.

JULIEN, François. *Il n'y a pas d'identité culturelle*. Paris: L'Herne, 2016.

KASTRUP, Virgínia. *Cegueira e Invenção: cognição, arte, pesquisa e acessibilidade*. Curitiba: Editora CRV, 2018.

KASTRUP, Virgínia; POZZANA, Laura. *Histórias de cegueira*. Curitiba: Editora CRV, 2016.

KASTRUP, Virgínia; VALENTE, Dannyelle. How to make the body speak? Visual disability, verbalism and embodied speech. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 38, n. 3, p. 572-583, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/7LKk6ZZx4Q3MPHSzLGSq9JF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 fev. 2025.

KLEEGE, Georgina. *More than meets the eye. What blindness brings to art*. Oxford: University Press, 2018.

LEWI-DUMONT, Nathalie. Langage. *Voir [barré]*, 38-39, p. 174-183, 2011.

MARTINS, Bruno Sena. Pesquisa acadêmica e deficiência visual: resistências situadas, saberes partilhados. *Revista Benjamin Constant*, v. 19, p. 55-66, 2013. Disponível em: <https://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/378>. Acesso em: 09 fev. 2025.

MCRUER, Robert. Compulsory able-bodiedness and queer/disabled existence. In: HALL, Donald E. & JAGOSE, Annamarie (eds.), *The Routledge Queer Studies Reader*. Abingdon: Routledge. pp. 488-497, 2012.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitar ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hg/v5TYZgWbKvspRtF/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra C. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. *Rev. Polis Psique*, v. 6, n. especial, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380>. Acesso em: 09 mar. 2025.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: permanências e reparações. In: SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo (Orgs). *PesquisarCOM: caminhos férteis para a pesquisa em psicologia*. Rio de Janeiro: NAU Editora, pp. 21-42, 2022.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliane. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. v. 1. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RIBAS, Cristina. *Feminismos bastardos, feminismos tardios*. São Paulo, N-1 Edições, 2019. Série Pandemia.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. Feminismos plurais.

SILVEIRA, Marília; MORAES, Marcia; QUADROS, Laura Cristina de Toledo. *PesquisarCOM: caminhos férteis para*

a pesquisa em psicologia. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2022.

SIMPLICAN, Stacy Clifford. Feminist disability studies as methodology: life-writing and the abled/disabled binary. *Feminist Review*, v. 115, n. 1, p. 46-60, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1057/s41305-017-0039-x>. Acesso em: 12 fev. 2025.

VERINE, Bertrand. *Dire le non-visuel. Approches pluridisciplinaires des discours sur les perceptions autres que la vue*. Liège: Presses universitaires de Liège, 2014.

VERMERSCH, Pierre. *L'entretien d'explication*. Issy-les-Moulineaux: ESF, 2000.

VILLEY, Paul. *Le Monde des Aveugles, essai de psychologie*. Paris: Flammarion, 1914.

WEYGAND, Zina. *Vivre sans voir. Les aveugles dans la société française, du Moyen Âge au siècle de Louis Braille*. Paris: Créaphis, 2003.